

COGNIÇÃO E AFETO NA COMUNICAÇÃO:

**CONECTANDO CORPO, MENTE,
MEIO E TECNOLOGIA**

Conselho Editorial

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UFES
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – UFRJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Cristiane Finger – PUCRS
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – UFRGS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Luiz Mauricio Azevedo – USP
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio



Fátima Regis

**COGNIÇÃO E AFETO
NA COMUNICAÇÃO:**

**CONECTANDO CORPO, MENTE,
MEIO E TECNOLOGIA**



Editora Sulina

Copyright © Fátima Regis, 2022

Capa: Like Conteúdo

Editoração: Tiba Tiburski

Revisão: Adriana Lampert

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

R337c Regis, Fátima

Cognição e afeto na comunicação: conectando corpo, mente,
meio e tecnologia / Fátima Regis. – Porto Alegre: Sulina, 2022.
144 p.; 14x21cm.

ISBN: 978-65-5759-080-5

1. Meios de Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Comunicação Social
– Pesquisas. 4. Mídia. 5. Comunicação – Tecnologia. 5. Mídia. I. Título.

CDU: 070

316.77

CDD: 070

301

302

Todos os direitos desta edição são reservados para EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2022

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para Sylvio e Luísa

AGRADECIMENTOS

O presente livro consolida os resultados da pesquisa realizada pela autora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) no período de 2007 a 2022. Ao longo de todo esse tempo, foram muitos os encontros com pessoas e instituições aos quais sou muito grata.

Escrevi as primeiras páginas deste livro durante o estágio pós-doutoral realizado no *Center for 21st Century Studies*, University of Wisconsin-Milwaukee (UWM) e no *Department of Communication* – University of California, San Diego, com apoio do Programa Capes Print/UERJ. Então, agradeço primeiramente à UERJ, à Faculdade de Comunicação Social, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, e à Capes, pela aprovação do projeto, pelo financiamento de meu estágio pós-doutoral e pela licença pós-doutoral.

Agradeço a meus orientadores, prof. dr. Richard Grusin (UWM) e profa. dra. Angela Booker (UCSD), pela recepção calorosa e pelo estímulo e trocas intelectuais. Agradeço à profa. dra. Maureen Ryan, pelo acolhimento e pela profícua interlocução teórica. Agradeço à Lauren McHargue, por todo apoio para desbravar a nova universidade.

Agradeço ao PPGCOM-UERJ, pelo apoio ao desenvolvimento e publicação deste livro. Agradeço, ainda, a todos/as colegas, corpo discente e corpo técnico, pelo ambiente acolhedor e estimulante que lá encontro.

Na vida acadêmica, há aqueles que são muito mais que

colegas: amigos – e aos quais agradeço a parceria, não apenas nesta obra mas ao longo da vida. Na impossibilidade de nomear a todos, registro aqui os mais presentes nessa pesquisa: Fernando Gonçalves, Ricardo Freitas, Erick Felinto, Cíntia Fernandes, Vinicius Pereira, Ieda Tucherman, Suely Fragozo e Simone Pereira de Sá.

Agradeço aos pesquisadores do CiberCog/LMD, por construírem um grupo de pesquisa baseado em amizade, espírito de equipe e inteligência. Agradeço a todos que passaram pelo grupo e, na impossibilidade de listar todos os nomes, escolho para representá-los os quatro membros fundadores do CiberCog: Alessandra Maia, José Messias, Letícia Perani e Raquel Timponi.

Agradeço a todos os meus alunos, pela troca de ideias que sempre instigam e me tiram do meu espaço de conforto.

A Sylvio e Luísa, faróis da minha vida, pelo amor incondicional, pelas trocas intelectuais e por todas as nossas aventuras.

A Maria Sales de Oliveira, por toda amizade e apoio constante ao longo de mais de 15 anos.

Agradeço a Editora Sulina, em especial a seu editor, Luis Gomes, pelo acolhimento desta e de outras obras.

Agradeço ao CNPq, à Faperj e ao Programa Prociência da UERJ/Faperj, pelas bolsas e fomentos que possibilitaram a realização desta pesquisa ao longo dos anos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A VIRADA COGNITIVA	23
1.1 Articulando homem, mundo e pensamento	23
1.2 Breve história do conhecimento ocidental	26
1.3 A virada cognitiva: cognição corporificada e atuada	40
CAPÍTULO 2 – A VIRADA AFETIVA	59
2.1 A virada afetiva: o encontro do virtual filosófico com a auto-organização da matéria	59
2.2 Do corpo organismo ao corpo auto-organizado	61
2.3 Sobre sistemas complexos, auto-organização da matéria e processos de individuação	66
2.4 Corpo, afeto e emoção	78
2.5 Mídias, meios e mediações: começando pelo meio com Simondon e Grusin	82
CAPÍTULO 3 – TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E AS MODULAÇÕES SENSORIAL, PERCEPTIVA E COGNITIVA NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE	91
3.1 O cinema e a modulação perceptiva, sensorial e cognitiva da Modernidade	92
3.2 As modulações afetiva e cognitiva nas mídias digitais	98
3.3 As viradas cognitiva e afetiva nos primórdios da cultura digital	99
3.4 Da cultura da participação à plataformização da cultura.	111
CAPÍTULO 4 – PROBLEMATIZANDO COMPETÊNCIAS E LETRAMENTOS	115
4.1 Indo além das competências	116
4.2 Ampliando os letramentos: dos letramentos sociais às <i>new media literacies</i>	119
4.3 Letramentos digitais.	124
4.4 Como incluir as viradas cognitiva e afetiva no ensino-aprendizagem	128
REFERÊNCIAS	133

INTRODUÇÃO

É insuficiente, portanto, uma educação midiática que se concentre exclusivamente em processos conscientes, porque agora sabemos que ‘a consciência só poderá ser compreendida se forem estudados os processos não conscientes que a tornam possível’.

Joan Ferrés e Alejandro Piscitelli

O presente livro consolida os resultados da pesquisa realizada pela autora no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) no período de 2007 a 2022, junto ao grupo de Pesquisa CiberCog (Comunicação, Lúdico e Cognição) e ao Laboratório de Mídias Digitais. A pesquisa tem como tema as modulações sensoriais, afetivas e cognitivas do corpo/mente emergentes no acoplamento com mídias e tecnologias de comunicação. O objetivo da obra aqui proposta é apresentar os achados teóricos e metodológicos obtidos ao longo do estudo, evidenciando a importância das intensidades afetivas e outros fatores não conscientes nos processos comunicativos e cognitivos da cultura contemporânea. A originalidade da pesquisa reside no acento sobre a importância das intensidades afetivas e demais fatores não conscientes para os processos de subjetividade e sociabilização, que, geralmente, costumam ser menosprezados nas ciências humanas e sociais.

Nosso percurso se inicia na aurora da internet quando muitos pesquisadores (Lévy, 1993; Anderson, 2006; Johnson, 2001, 2005; Fragoso, 2001; Lemos, 2002; Santaella, 2003, Primo, 2007, entre outros) afirmavam que as transformações decorrentes da comunicação digital estimulavam um treinamento cognitivo em seus usuários. Com o objetivo de colaborar com esses estudos, observamos que havia uma lacuna no que se referia a um mapeamento mais completo e acurado sobre quais seriam precisamente essas habilidades e competências e como estariam reconfigurando as práticas cognitivas nas interações midiáticas. Para contribuir com o campo, endereçamos nossas investigações às lacunas observadas. Mapeamos, por meio de investigações teóricas e empíricas¹, as atividades e competências cognitivas atribuídas às práticas da comunicação digital, sobretudo com jovens. Já nessas pesquisas iniciais, observamos que para atuar na cultura digital, era preciso aprender ou aprimorar um grande espectro de competências: linguísticas e interpretativas; afetivas e sociais; lógicas; criativas; perceptivas, táteis, proprioceptivas entre outras habilidades motoras e sensoriais.

Ao revelar a importância de habilidades sensoriais e afetivas na comunicação digital, os achados da pesquisa trouxeram para o centro do debate fatores não conscientes que extrapolam o que os saberes das áreas de comunicação e de aprendizagem denominam por cognitivo. Esses achados nos levaram a buscar nas pesquisas experimentais das ciências

1 Ver os relatórios das pesquisas: Regis, Fátima. *Tecnologias de Comunicação e Novas Habilidades Cognitivas na Cibercultura*. Projeto Prociência 2008-2011. Financiamento Uerj/Faperj, 2008.

Regis, Fátima. *Tecnologias de Comunicação, Entretenimento e Capacitação Cognitiva na Cibercultura*. Projeto Prociência 2011-2014. Financiamento Uerj/Faperj, 2011.

Regis, Fátima. *Tecnologias de Comunicação, Entretenimento e Capacitação Cognitiva na Cibercultura*. Projeto financiado pelo CNPq – 2013-2016, Bolsa de produtividade PQ2, 2012.

cognitivas, neurociências e psicologia cognitiva as chaves para compreender como corpo, tecnologia e afetos (fatores não-conscientes) interferem nos processos mentais conscientes.

Com base nos autores das ciências cognitivas (abordagens corporificada e atuada) pudemos relacionar os princípios que caracterizam uma virada cognitiva no pensamento ocidental: 1) a mente é corporificada e engloba o ambiente: é produto da interação complexa entre cérebro e corpo (incluídos, aí, intensidades, afetos e percepções), somada aos acoplamentos com o ambiente (pessoas e objetos); 2) a cognição é situada e depende do contexto e da experiência vivida; opera a partir de nossa relação (com objetos e pessoas) e exploração do mundo ao redor. Em suma: a mente envolve o ambiente e os processos cognitivos conscientes são afetados por intensidades “afetivas” e “não conscientes” do nosso corpo em constante modulação com o ambiente (Stern, 1998; Clark, 2003; Varela, 1990; Varela, Thompson & Rosch, 2001; Oliveira, 2003; Massumi, 1995, 2005; Grusin, 2010).

Essa percepção de que o corpo/mente se modula ao ambiente direcionou a pesquisa para os estudos dos teóricos da virada afetiva. Pesquisadores da autonomia do afeto (Massumi, 1995) e das mídias (Grusin, 2010) nos ajudaram a entender como ocorrem as modulações das intensidades afetivas nas vinculações com as mídias. Grusin se apoia nos estudos sobre sintonia afetiva de Daniel Stern (1998) para mostrar que nossa interatividade com a mídia produz um tipo de intensificação ou reduplicação das relações interpessoais afetivas, que denominou de mediação distribuída (2010) e, posteriormente, de mediação radical (2015a). Brian Massumi toma por base pesquisas experimentais das neurociências para demonstrar que os afetos não apenas não convergem com a produção de sentidos (campo sociolinguístico e intersubjetivo), mas se opõem a ela. O que aprendemos com esses autores é que as teorias que dão primazia a fatores conteudísticos,

abordagens sociolinguísticas e representações socioculturais não são suficientes para explicar os processos de aprender, comunicar e socializar. Essa afirmação é de peso pois, nas ciências sociais e humanas – devido à forte tradição de privilegiar abordagens e métodos mais qualitativos, simbólicos e subjetivos –, observa-se uma certa resistência a aderir a estudos que explicam de que modo os fatores não conscientes afetam nossos processos decisórios e estados conscientes, de um modo geral. Recentemente, a rentabilidade desse debate ganhou fôlego devido à sua aplicabilidade em estudos sobre algoritmização, big data, e, também, no fenômeno da desinformação e proliferação de *fake news*. Nesse terreno, Fleming (2014) relata que a efervescência das *fake news* e campanhas de desinformação têm impulsionado as pesquisas sobre como as pessoas lidam com as notícias oriundas das diversas mídias. Esse ímpeto tem produzido o surgimento de novos conceitos para os estudos nas áreas de Mídia e Educação e Educomunicação: *News literacy*, *News appreciation* ou *News media literacies*. (Fleming, 2014; Murrock, Amulya, Druckman, Liubyva, 2018; Walter & Murphy, 2018; Sangalang, Ophir, & Cappella, 2019). O que particularmente chama a atenção nesses novos estudos de Educação para a Mídia é que eles demonstram que há primazia de afeto/emoção e uso de crenças preconcebidas (não apoiadas em evidências claras e fontes fidedignas) na interpretação e engajamento das pessoas com as notícias em seu cotidiano. Essas pesquisas vão ao encontro dos achados teóricos e pesquisas experimentais relatadas por Brian Massumi, Sarah Ahmed e Richard Grusin sobre o modo como fatores sensoriais e afetivos afetam, de modo não simbólico, o engajamento com as mídias.

Neste livro, propomos desenvolver discussões teóricas e metodológicas que argumentam de que modo corpo, afeto e objetos técnicos modulam nossos processos comunicativos e cognitivos. Demonstraremos que na comunicação o

acoplamento entre corpo/mente e o aparato técnico-midiático operam de forma integrada modulando, afetos e cognições no processo que Grusin denominou de mediação radical (2015a). Vamos evidenciar que nesse percurso não se trata apenas de reconfigurar os sentidos, mas reivindicar novos saberes sobre o que são mente, processos cognitivos e comunicativos, letramentos e processos de aprendizagem, incluindo nesses os afetos, sensorialidades e outros fatores não conscientes. Esta reconfiguração implica questionar saberes construídos a partir das divisões das áreas científicas (disciplinas) que, ao focar em seus campos de estudo específicos, acabam por reduzir a complexidade dos “objetos” analisados. O desafio é se embrenhar por caminhos ainda não mapeados dos saberes e subjetividades que se apoiam em sistemas complexos e em perspectivas transdisciplinares. Para isso, nossa abordagem teórico-metodológica se alinha com as teorias e conceitos da teoria da complexidade (Prigogine & Stengers, 1997), teoria da cognição atuada/enação (Varela, 1990), pesquisa sobre ontogênese/individuação (Simondon, 2020; Hui, 2016), Teoria do ator-rede (Latour, 2005), estudos dos afetos/virada afetiva (Massumi, 1995; Ahmed, 2004; Clough, 2010), neo-materialismo e estudos feministas contemporâneos (Barad, 2007; Braidotti, 2018; Haraway, 1994). Essas teorias têm sido denominadas por “Virada não humana” (*The Nonhuman Turn* – Grusin, 2015b) e têm em comum as tarefas de descentrar o humano e contestar as dicotomias entre corpo e mente, indivíduo e meio, sujeito e objeto, orgânico e maquínico, razão e afeto, interior e exterior que fundamentam preceitos ontológicos e epistemológicos arraigados no pensamento ocidental. Essa conformação onto-epistemológica, que já sofreu várias contestações ao longo dos séculos XIX e XX, tem recentemente sido problematizada pelas teorias supracitadas.

Teorias e paradigmas são visões de mundo, modos pelos quais buscamos compreender a realidade ao nosso redor.

Trazendo as reflexões sobre a virada não humana para nosso tópico de pesquisa, a saber, as modulações corpo/mente e objetos técnicos para os processos comunicacionais, subjetivos e de sociabilidade, não podemos nos furtar de pensar as reformulações sobre o conceito de mente e de humano.

Desde meados do século XX – o que já contabiliza, pelo menos, umas sete décadas – o conceito de mente vem sendo amplamente debatido e reformulado pelas neurociências, ciências cognitivas e psicologia cognitiva, com base em pesquisas teóricas e experimentais. A ideia de que a mente é corporificada e modulada pelo acoplamento do corpo com o ambiente é, hoje, fato científico. Esse fato tem implicações sobre teorias e possibilidades metodológicas para os campos de estudos das Humanidades. Neste livro, privilegiamos as discussões nos campos da comunicação e da aprendizagem. Nesses campos, a discussão sobre os fatores não conscientes, tais quais afeto e sensorialidade, e o modo como afetam os processos mentais conscientes ainda é bastante tímida. Mas, a preocupação sobre a necessidade de incluir a discussão nas pautas acadêmicas existe.

Nas áreas da Comunicação e da Educação, quando se pensa em discutir as competências midiáticas que precisam ser desenvolvidas pelos jovens para que exerçam com consciência crítica seu papel de cidadãos no contexto midiático do mundo contemporâneo, um texto se destaca: o artigo *La competencia midiática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores*, de autoria de Joan Ferrés e Alejandro Piscitelli (2012). O texto foi publicado na *Revista Comunicar* em 2012 e, em 2015, ganhou a versão em língua portuguesa, publicado pela *Revista Lumina*. O texto é amplamente adotado pelas áreas de Comunicação e Educação no âmbito da Península Ibérica e da América Latina, por sua clareza e propostas de mapeamento.

Nessa obra realmente seminal para as áreas de Mídia e Educação e Educomunicação, uma reflexão parece passar

despercebida: os autores questionam se não é insuficiente qualquer proposta de debate sobre educação midiática que não considere as mudanças nos conceitos de mente:

Entre os educadores, tende a haver muito mais predisposição a incorporar nos processos de ensino-aprendizagem as modificações produzidas pela revolução tecnológica do que assumir as contribuições da revolução neurobiológica.

A neurociência virou de cabeça para baixo muitas das convicções sobre o funcionamento da mente mantidas por séculos na cultura ocidental. Com base na neurociência somos instados a mudar para sempre a maneira de pensarmos sobre nós mesmos. Na práxis educacional, parecemos muito mais dispostos a mudar nossa maneira de pensar sobre os meios do que mudar nossa visão de nós mesmos como interlocutores desses meios.

As mudanças às quais a neurociência se refere têm a ver especialmente com a “influência que os processos emocionais e os processos não conscientes exercem sobre a mente consciente”. Na práxis do letramento midiático apenas se dá atenção a esses processos [conscientes]. Resulta insuficiente, portanto, uma educação para a mídia que se concentra exclusivamente em processos conscientes, porque hoje sabemos que “a consciência só pode ser entendida se se estudarem os processos inconscientes que a tornam possível”, nas palavras do neurobiólogo LeDoux (1999, 32). (Ferrés e Piscitelli, 2012, p. 78, grifos nossos. A tradução de todas as obras citadas em língua estrangeira nas referências bibliográficas é nossa).

Assim, Ferrés e Piscitelli conclamam para a discussão sobre os processos emocionais e não conscientes sobre a mente consciente. Curiosamente, apesar da grande repercussão do

texto em mais de 20 países dos idiomas português e espanhol, não encontramos evidências de tal debate nas áreas da Comunicação e da Educação.

Neste livro, queremos contribuir com essa discussão trazendo à tona a questão de que se as ciências da mente definem a mente de modo diferente, e não apenas por sua atuação consciente, simbólica e sociolinguística; se a mente é entendida como algo que se articula a intensidades afetivas e processos não conscientes impossíveis de serem explicados por fatores sociolinguísticos e/ou simbólicos ou pelos estudos de produção de sentido, isso também não implicaria em repensarmos conceitos caros à Comunicação, indissociáveis da ideia de mente, tais quais: o indivíduo, os processos de comunicação e os processos cognitivos, entre outros?

Para se endereçar a essas questões, este livro é organizado em quatro capítulos.

O capítulo 1 – “A virada cognitiva” – se dedica a construir um breve histórico sobre as possibilidades de construção de conhecimento ao longo dos séculos na sociedade ocidental. O capítulo inicia com um breve mapeamento dos conceitos de mente e pensamento a partir de uma perspectiva filosófica. Na segunda parte deste capítulo são apresentados os achados das ciências cognitivas, neurociências e psicologia cognitiva no século XX que resultaram na compreensão de que a “cognição” é um processo corporificado e contextualizado e de que a “mente” emerge da integração corpo/mente em conexão com o meio (pessoas e objetos técnicos) ao redor.

O capítulo 2 – “A virada afetiva” – apresenta os principais conceitos e autores de uma nova abordagem sobre os afetos e emoções. Os teóricos da virada afetiva contra-argumentam as abordagens socio-construtivistas – que buscam explicar tudo a partir do discurso, do simbólico e do sociolinguístico –, deixando em segundo plano a materialidade do corpo e sua conexão com o mundo.

O texto dialoga com Brian Massumi, Sarah Ahmed, Eve Sedgwick e Patricia Clough, teóricos da virada afetiva, que realizaram o grande feito de articular as concepções de corpo, virtual e afeto presente nas obras filosóficas de Henri Bergson, Gilles Deleuze & Félix Guattari e Baruch Spinoza e, integrá-las aos conceitos de auto-organização da matéria presente nas pesquisas de ciência experimental de Ilya Prigogine & Isabelle Stengers, na cognição atuada de Francisco Varela e nos trabalhos de individuação psíquica, biológica e coletiva de Gilbert Simondon. Essa visada teórico-metodológica permitiu dar concretude à discussão sobre as interações entre corpo, matéria e pensamento, compreendendo-os enquanto instâncias concretas, situadas e acopladas ao ambiente ao redor.

Ainda no capítulo 2, recorreremos às teorias de ontogênese/individuação (Simondon, 2020), cognição atuada (Varela, 1990) e sistemas complexos (Prigogine & Stengers, 1997; Oliveira, 2003) para explicar e embasar teoricamente a transição do conceito de corpo organismo (característico da Modernidade) – o corpo biológico, aberto às trocas de matéria e energia – para o corpo da virada afetiva: o corpo biomediado, auto-organizado, o corpo que surge com a teoria dos sistemas complexos, o corpo que se auto-organiza e é informacional.

Alinhado com a teoria dos sistemas complexos, o corpo auto-organizado (autoafetivo) constitui a materialidade que invoca não as relações entre indivíduos já constituídos, finalizados (relações definidas a partir das propriedades desses indivíduos ‘prontos’, características do corpo-organismo) –, e sim o que se pode chamar de “potencialidades conectivas”, fundamento de uma capacidade imanente de engendrar estruturas, de produzir formas a partir de trocas informacionais e fluxos de intensidade afetiva com o meio. Desse modo, a virada afetiva reúne a discussão filosófica do virtual com a discussão sociotécnica das interações humano-técnica. A vi-

rada afetiva converge com preceitos da virada cognitiva, permitindo uma nova formulação das modulações corpo-mente com mídia-tecnologia.

Os estudos da virada afetiva convergem com a virada cognitiva para demonstrar que o corpo/mente atua em sintonização constante com o ambiente material e social, por meio dos fluxos e intensidades trocados, incluindo aí afetos e demais fatores não conscientes. Uma vez que os dispositivos tecnológicos, neste caso as mídias, permeiam essas trocas, o sistema de mídias pode intensificar a proliferação dos afetos e *moods* entre humanos e não humanos, produzindo o que Grusin chama de mediação distribuída (2010) ou mediação radical (2015a), ou seja, a produção de conjuntos (*assemblages*) dinâmicos e heterogêneos, compostos de vários elementos técnicos, sociais, estéticos, econômicos e políticos que se fundem e se reagrupam em formações mutáveis, mas relativamente estáveis, distribuídas por toda a sociedade.

O capítulo 3 dedica-se a debater as relações entre as tecnologias de comunicação e as modulações sensoriais, perceptivas e cognitivas do corpo-mente. O capítulo começa na modernidade, dedicando-se ao cinema e suas afetações na produção de subjetividade e nos processos perceptivos, sensoriais e cognitivos. A seguir, explica-se as modulações afetiva e cognitiva nas mídias digitais. Aqui inicia-se nos primórdios da cultura digital, mostrando a modulação de habilidades e competências cognitivas no acoplamento com as mídias e redes digitais. O texto discute a transição da cultura da participação à plataformização da cultura. O destaque é dado ao modo como afetos e comportamentos podem ser intensificados pela forma de operar dos algoritmos e *softwares* de inteligência artificial que amplificam, por meio de *feedback* (viés de confirmação), crenças arraigadas, preconceitos, comportamentos e afetos, demonstrando a tese da virada afetiva: há primazia de afeto e afetações sensoriais (fatores não conscientes) nas

interações das pessoas com conteúdos de desinformação e ódio, resultando insuficiente tratá-los com abordagens representacionais e/ou socioconstrutivistas.

O quarto e último capítulo – “Problematizando competências e letramentos” – dedica-se a discutir as possibilidades e limites dos conceitos de competência e letramentos, dois dentre os principais conceitos que definem os processos de ensino-aprendizagem, caros às abordagens teóricas nos campos da Comunicação e da Educação. A proposta do capítulo é provocar a reflexão sobre a necessidade de atualizar as concepções sobre individuação, corpo/mente, processo cognitivo e intensidades afetivas nas questões relacionadas a letramentos midiáticos. O objetivo disso é sensibilizar para a construção de abordagens teórico-metodológicas capazes de enfrentar de forma mais adequada questões contemporâneas como a desinformação, *fake news* e discursos de ódio.